

AFETIVIDADE NA RELAÇÃO EDUCADOR/EDUCANDO: UM ESTUDO DE CASO DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO PROGRAMA “ESCREVO MEU FUTURO” DA USINAS ITAMARATI EM DENISE/MT

AFFECTIVITY IN RELATIONSHIP EDUCATOR / EDUCATING: A CASE STUDY OF YOUTH AND ADULT EDUCATION PROGRAM "WRITE MY FUTURE" OF USINAS ITAMARATI DENISE / MT

*Evelin Tereza Gomes Ferreira*¹
*Marinês da Rosa*²

RESUMO: Esta pesquisa visa abordar a afetividade na relação educadores e educandos no Ensino de Jovens e Adultos do Programa Escrevo Meu Futuro da Usinas Itamarati no município de Denise/MT. Entende-se que a afetividade abrange vários aspectos e integra relações, permeadas pela emoção e a paixão, sentimentos essenciais ao processo de ensino/aprendizagem, pois considerando que o ambiente escolar é heterogêneo no que tange à diversidade de valores, conceitos, ideologias, salvo que a relação afetiva é significativa para a construção e desenvolvimento cognitivo. Assim, o objetivo geral é analisar as representações da afetividade na relação de educadores e educandos do Ensino de Jovens e Adultos do Programa Escrevo Meu Futuro. É uma pesquisa de cunho qualitativo, tomando o estudo de caso como apoio metodológico e instrumentos de coleta de dados, tais como: entrevista semiestruturada em sala de aula. Os sujeitos da pesquisa são os educadores do 2º Ano do Ensino Médio e os educandos da referida turma. Os dados coletados foram problematizados pelo aporte teórico na interface das Ciências Sociais e Linguagem, tendo como parâmetros os conceitos, pensamento e linguagem, socialização, educação de jovens e adultos e o principal conceito: afetividade no processo de ensino/aprendizagem. Assim, foi possível compreender que as situações percebidas neste estudo, tais como: gestos, aceitações, motivações, interações, diferenças geracionais e as representações dos sujeitos observados apontam a importância da relação afetiva e cognitiva no processo da construção do conhecimento, pois estão interligados por um comprometimento tanto do educador quanto do educando num procedimento ininterrupto de motivação para o aprendizado.

Palavras-chave: Afetividade, Socialização, Educador/Educando.

ABSTRACT: This research has as crucial issue the affectionateness in educators and learners' relationship in Adult and Youth Education of the “Escrevo Meu Futuro” of “Usinas Itamarati” Program, in the city of Denise/MT. It is understood that affectionateness covers several aspects, and integrates relations, suffused with emotion and passion, essentials feelings to the teaching / learning process, because considering that the school environment is heterogeneous with respect to the diversity of values, concepts, ideologies, unless the

¹ UNEMAT - Universidade do Estado do Mato Grosso, *Campus* de Tangará da Serra. Licenciada em Letras pela UNEMAT. evelin_vivi2007@hotmail.com

²UNEMAT - Universidade do Estado do Mato Grosso, *Campus* de Tangará da Serra. Professora efetiva. Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. marinesrosa@gmail.com.

affective relationship is significant for the construction and cognitive development. Thus, the general objective of this research is to analyze the representations of affectionateness in the teachers and students relationship of the Youth and Adult Education of “Escrevo Meu Futuro” program. It is a qualitative research, taking the case study as methodological support and tools for the data collection, such as: semi-structured interviews in the classroom. The research subjects are the educators of the 2nd year of high school, and the students of that class. The data collected were problematized by the theoretical interface of Social Sciences and Language, having as parameters the concepts, thought and language, socialization, education of youth and adults and the main concept: the affectionateness in the teaching / learning process. Thus, it was possible to understand that situations perceived in this study, such as gestures, acceptances, motivations, interactions, generational differences and the representations of the observed subjects indicate the importance of the affective relation and cognitive process in the construction of knowledge, because they are connected by a commitment from both the educator and the student in an uninterrupted procedure of motivation for learning.

Keywords: affectionateness, Socialization, Educator / learner.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre a afetividade na relação educadores e educandos no Ensino de Jovens e Adultos do Programa Escrevo Meu Futuro da Usinas Itamarati situada no Município de Denise/MT, que teve início em 2010, e busca incentivar e subsidiar o acesso dos empregados a Educação Formal e a qualificação profissional, bem como o crescimento pessoal. O programa funciona também na cidade de Nova

Olímpia, sendo que as duas unidades, totalizam o número de 552 educandos matriculados.

Tal projeto surge das preocupações da empresa com o número de empregados que tinham abandonado os bancos escolares sem terem ao menos concluído seus estudos, o que dificultava o seu desenvolvimento profissional, à medida que a carência de mão de obra qualificada na região dificultava a reposição das vagas.

Nesta perspectiva, têm-se como objetivo geral analisar as representações da afetividade na relação de educadores e educandos do Ensino de Jovens e Adultos do Programa “Escrevo Meu Futuro”, uma vez que se toma como objetivos específicos: identificar o perfil dos educandos e educadores do programa; compreender os motivos da interrupção dos estudos, bem como os motivos da retomada aos estudos no Ensino de Jovens e Adultos (EJA); perceber as representações da afetividade na relação entre educandos e

educadores e analisar as categorias interação social e socialização nas relações afetivas observadas.

Neste sentido, têm-se as seguintes hipóteses: os fatores afetivos poderão ser utilizados se antes houver interação social, uma vez que, ela faz parte diretamente do processo de socialização que humaniza o sujeito; a relação afetiva pode ser motivadora para o processo educativo; as trocas afetivas podem ser mediadoras entre o ensinar e o aprender, de modo que se utilizadas pelos educadores, como motivação, não inibirão o desenvolvimento cognitivo do educando.

A escolha do objeto de estudo se deu mediante experiências vivenciadas em sala de aula, isso enquanto estudante, pois devido à falta de afetividade na aprendizagem, o processo de construção do conhecimento foi inibido, bloqueado. Outro ponto relevante foi o contado mais próximo com um dos educandos (meu pai), que constantemente chegava em casa muito entusiasmado com o que havia aprendido, e com os educadores, sempre informando fatos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Considerando também, o contado direto com os educandos e educadores, ao passo que por fazer parte da equipe que trabalha diretamente com o programa, ficou mais fácil acompanhar o universo desses sujeitos, como em conversas corriqueiras com os mesmos, e ouvindo os relatos que eles faziam acerca dos motivos de sua retomada aos estudos e o bom relacionamento com os educadores. Destacando também, as conversas com os educadores, visto que os mesmos sempre se referiam aos educandos como meus “aluninhos”, sendo que, em suas falas os mesmos utilizavam a afetividade como motivadora no processo de aprendizagem.

Portanto, a pesquisa proposta questiona: os fatores afetivos entre educadores e educandos na modalidade (EJA) interferem no processo de ensino/aprendizagem?

Para isso, apresenta-se o referencial teórico na interface das Ciências Sociais com a Linguagem, sendo que se discutem os conceitos de socialização do sujeito na sociedade enfatizando o espaço escolar, através de conceitos como hábitos e coerção social, bem como se aborda a afetividade e sua importância no processo de ensino/aprendizagem, em particular, no Ensino de Jovens e Adultos, e também o papel do educador nesse processo de formação da educação de Jovens e Adultos.

O SUJEITO E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO, NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-CULTURAL

No decorrer dos tempos, o homem foi se modificando consideravelmente, e tais mudanças ocorreram tanto no campo intelectual como também no contexto social mais amplo. A partir dos estudos sociológicos vem se construindo conceitos que tomam como base o sujeito e suas particularidades, destacando suas ações e intenções na sociedade em que se vive.

Enquanto processo de socialização, na infância, a criança se depara com certo tipo de relacionamento com seu corpo chegando a experimentar sensações de fome, sede, prazer, desprazer entre outros. Neste contexto, vive em um mundo que oferece muitas experiências, salvo que o ambiente da criança é habitado por outras pessoas, com outros costumes e gerações.

Neste panorama, denomina-se o princípio de produção e incorporação que o sujeito constrói das coisas e fatos que o rodeiam como “habitus”, que nada mais é do que o início gerador e estruturante das práticas e representações feitas por ele, de acordo com o meio social que o sujeito pertence.

De acordo com Maria Alice Nogueira e Cláudio M. Martins Nogueira (2009), embasados na teoria sobre a educação de Bourdieu, evidenciam que “habitus” é um sistema de instalações estruturantes de acordo com o meio social do sujeito.

Segundo Nogueira e Nogueira (2009):

O conceito de “habitus” seria assim a ponte, a mediação, entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social, ou simplesmente, entre a estrutura e a prática. O argumento de Bourdieu é o de que se faça mecanicamente, de fora para dentro, de acordo com as condições objetivas presentes em determinado espaço ou situação social. Não seria, por outro lado, um processo conduzido de forma autônoma, consciente e deliberado pelos sujeitos individuais. [...] (p.24 e 25).

De fato, cada sujeito de acordo com o lugar que ocupa na sociedade, vivenciaria uma série de propriedades de conhecimentos que formariam sua subjetividade, ou seja, constroem suas próprias percepções e apreciações. Contudo, o “habitus”, é composto por um sistema de

arranjos que precisam ser adaptados pelo sujeito em consenso com cada situação e ação específica. É importante salientarmos que o conceito de “habitus”, exerce o papel de ligação entre três fatores essenciais, sendo eles; posições objetivas, da subjetividade do indivíduo e as ações concretas.

No que tange ao aspecto das representações sociais, o autor afirma que as mesmas seriam incorporações da estrutura social que o sujeito constrói, como também da posição social que ele ocupa na sociedade, num processo contínuo de adaptação à situações novas durante toda a vida do sujeito. É mediante a relação com outro, que se constroem padrões por meio dos quais é possível estabelecer a troca de experiências entre criança/adulto e adulto/adulto.

Dessa forma, Nogueira e Nogueira (2009) asseguram que: “[...] Os indivíduos capazes de produzir, reconhecer, apreciar e consumir bens culturais tidos como superiores teriam maior facilidade para alcançar ou se manter nas posições mais altas da estrutura social [...]”. (p.36).

Em relação a esse ponto, interioriza-se aquilo que é externo, para que assim possamos fazer parte dos grupos. Temos que nos adaptar a eles, isso tudo mediante a acessão do outro e suas peculiaridades. Diríamos que essa não é uma tarefa fácil, uma vez que nos deparamos com regras e padrões constitutivos de tais grupos como, por exemplo: família e escola.

As experiências vividas pela criança reservam uma situação geral da sociedade, isso se aplica em todas as fases de crescimento do sujeito, seja ela, na infância ou na fase adulta, sendo que a interação com o meio social possibilita uma assimilação da linguagem com o que se apreende e as experiências já vivenciadas por ele.

Neste contexto, Kruppa (1994) concorda com autores acima, à medida que aborda a interação e socialização enquanto processo educativo que visa transformar o sujeito em membro da sociedade. A educação depende da capacidade que os homens têm de se comunicarem uns com os outros, modificando-se mutuamente. Em suma, na interação social, o sujeito reage para ser capaz de atuar junto com os outros, aprendendo e ensinando, possibilitando o surgimento da educação.

Acompanhando a ideia da autora, Freire (2002) alude que:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é

uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (p. 27).

Diante disso, os sujeitos desenvolvem as habilidades de ensinar e aprender para se comunicarem com os outros membros da sociedade, de modo que somos os únicos que possuímos tal capacidade de ensinar e aprender.

Com isso, as afinidades entre o saber e o aprender acontecem na vida das pessoas de maneira contínua, pois o sujeito precisa desenvolver suas capacidades, e isso ocorre por meio das relações entre pessoas, considerando que o homem nasce com a capacidade de ensinar e aprender, transmitindo, reproduzindo e modificando os conhecimentos e a cultura, de modo que a educação esta ligada intrinsecamente com esta capacidade que faz parte do processo de socialização que humaniza o homem.

Nesta mesma linha de raciocínio, percebe-se no processo de socialização a coerção que é uma das características do fato social, na perspectiva da sociologia: “[...] o fato social é toda maneira de fazer, suscetível de exercer numa coerção externa sobre o indivíduo”. (ARON, 2002, p.524).

A coerção social é definida por Émile Durkheim, nas Regras do Método Sociológico da seguinte forma:

[...] Há coerção quando, numa assembleia numa multidão, um sentimento se impõe a todos, como, por exemplo, quando por reação coletiva todos riem. Este é um fenômeno tipicamente social, porque tem como apoio e como sujeito o grupo em seu conjunto, e não um indivíduo particular. Assim a moda também é um fenômeno social: cada um se veste de uma certa maneira, num determinado momento, porque todos se vestem daquele modo. Não é o indivíduo que origina a moda, é a sociedade que se manifesta por meio de obrigações implícitas e difusas. [...]. (ARON, 2002, p. 524, 525).

Vivemos em uma sociedade com muitas diversidades, e por esses motivos estamos expostos sempre aos grupos que são formados na mesma, cada um com suas peculiaridades, de sorte que acabamos nos moldando ao coletivo, pois sempre acompanhamos a maioria, e dessa forma, acabamos deixando de lado nossa individualidade, passando por esse processo de coerção, sendo que essas manifestações não são apenas de maneira externa, como também em nosso pensamento e do modo como transmitimos a linguagem.

Em suma, pode-se dizer que tanto a moral como a linguagem estão relacionadas, à medida que desempenham a competência cognitiva que significa a aptidão de lidar com os conceitos abstratos, pois essa é a capacidade de expor suas ideias, seus costumes.

A AFETIVIDADE COMO MEDIADORA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Para iniciarmos este estudo, tentaremos compreender o que é, e como acontece a afetividade na relação educador/educando e no ambiente escolar, e como esses fatores possibilitam o desenvolvimento cognitivo do educando, uma vez que é diante desses elementos que os educadores podem auxiliar no aprendizado de seus alunos.

Assevera Ivan Roberto Capellato (entre 2000 e 2008):

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar. Inicia-se a partir do momento em que um sujeito se liga a outro pelo amor -- sentimento único que traz no seu núcleo um outro, também complexo e profundo: o medo da perda.(p.9).

Segundo o autor, a afetividade é a combinação de todos os sentimentos, bem como o amor, carinho, ciúme, raiva, ódio, saudade, inveja, entre outros, e cabe ao sujeito aprender a lidar com todas essas emoções, para que assim possa ter uma vida emocional equilibrada. Para que isso aconteça, é necessário que haja um mediador, outro sujeito, este por sua vez, irá estabelecer limites, que o impedirão de cometer atos de que possam vir a destruir sua fonte de amor.

Nesta mesma linha de raciocínio, Ana Rita Silva Almeida (2010) aborda que, “Na teoria wolliana, a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo [...]”. (p.44)

Ainda de acordo com Almeida (2010), “A afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano [...]”. (p.52)

Neste aspecto, Edgar Morin (2008) traz o conceito de amor e assinala a importância nas relações entre pessoas, ao passo que este não existe fora de nós, pois somos sujeitos do amor, visto que o amor é algo que se vive subjetivamente e de maneira submissa.

Morin (2008) salienta que “A autenticidade do amor não consiste apenas em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro [...]” (p. 30).

O amor é muito importante no processo de aceitação do outro, tendo em vista que tudo implica na busca pela verdade mediante a alteridade, ou seja, a capacidade que temos de nos colocarmos no lugar do outro numa relação interpessoal, à proporção que dialogamos com o outro, a fim de respeitarmos suas opiniões e valores. Dessa forma, pode-se dizer que a afetividade é o ponto crucial para o desenvolvimento humano, à medida que não podemos separar a razão da emoção, pois elas devem caminhar lado a lado num processo ininterrupto, para assim obter a ampliação da construção do conhecimento.

A educação é um processo contínuo que perdura a vida inteira, visto que faz do lugar em que vivemos um mundo natural que o educador faz parte, podendo haver mudanças, que, sobretudo não interfiram na essência do ato de educar, de ensinar, e formar cidadãos críticos, isso tudo mediante o afeto, o amor.

Neste aspecto, Gabriel Chalita (2004) em sua obra intitulada “*Educação a Solução esta no afeto*”, segue a mesma linha de raciocínio dos autores acima, à proporção que alude sucintamente à importância dessa interação com o outro mediante o afeto, bem como ressalta que o amor é um sentimento nobre que tem a capacidade de fazer uma pessoa feliz. O autor trata o amor como um motor que move o ser, este conduz os patamares da vida, visto que o amor é que faz o equilíbrio ser visível.

Chalita (2004) afirma:

Em todos os níveis do processo de formatação, o aprendiz precisa trabalhar sua dimensão e habilidade afetiva. Para isso, é preciso que o condutor do processo, o professor, comece a trabalhar e a desenvolver primeiro sua habilidade - já se falou ninguém dá o que não tem. (p.243)

Deste modo, a necessidade de construção coletiva do conhecimento, do respeito referencial que o sujeito tem de se relacionar com o outro, esta intrinsecamente ligada ao afeto e, é por meio da educação que experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O educando precisa de atenção e de afeto, e para isso necessita que o educador lhe estenda a mão dando-lhe amor, carinho. Para que isso ocorra, é preciso que as aulas sejam afetivas

construindo momentos de convivências e de aprendizagem, ou seja, uma aula libertadora, pois para que se ganhe afeto, primeiramente é preciso dá.

Partindo do pressuposto de que na prática educativa não existe uma aprendizagem genuinamente cognitiva ou racional, pois os mesmos devem pensar como utilizar na eficácia escolar a pedagogia do afeto, de modo a proporcionar um desenvolvimento intelectual e emocional do educando. Considerando que, ao entrar na sala de aula o educando não deixa de lado seus sentimentos, seus afetos e seu envolvimento com as outras pessoas que a rodeiam.

Desta forma, ao pensarmos no processo de desenvolvimento da educação, destacam-se as mudanças que ocorreram no contexto educativo, sobretudo no que compete à educação entre pessoas, posto que toda aprendizagem esta impregnada de afeto, visto que não se pode separar a razão da emoção.

3.1 A AFETIVIDADE NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Partindo da premissa de que o processo educativo tem como protótipo o educando e sua capacidade de aprender, de criar soluções, de descobrir fatos novos, de desafiar, de propor o que lhe convém, bem como de concordar ou não com o pensamento do outro, ou seja, de escolher o caminho que irá seguir, uma vez que a educação exerce o papel de despertar o lado crítico do mesmo. Para tanto, compreende-se como o educador pode utilizar nesse mesmo processo educativo os fatores afetivos como motivador no crescimento cognitivo e afetivo no ensino de Jovens e Adultos.

Em uma perspectiva fundamentalmente voltada para o ensino de jovens e adultos, busca-se elencar o impacto que a vivência da escolarização tardia gera na vida dos adultos nas camadas sociais, evidenciando a necessidade desses educandos em construir um comedimento entre as subversões e as facilidades que, estes encontram na tentativa de elevar sua vida escolar. Isso também se aplica no ensejo pelo qual esses jovens e adultos saíram e/ou desistiram da escola, ao passo que um dos principais motivos está relacionado ao fato de terem que trabalhar em função de seu próprio sustento.

Pensando nos dias atuais, nota-se que o avanço da educação foi muito importante para o desenvolvimento do ensino, principalmente de jovens e adultos, ao passo que se não houvesse essa separação dos educandos por idade, talvez nossa educação não tivesse

progredido consideravelmente, posto que essa distinção possibilitou um ensino mais preciso para cada grupo, e ponderando também as dificuldades que os mesmos teriam em acompanhar as classes com idades inferiores a deles, visto que, o que devemos observar com veemência são os motivos que os levaram a desistir da escola ou de ingressar na mesma.

A educação de jovens e adultos é destinada as pessoas que não tiveram acesso e/ou oportunidade de estudar, na sua infância e adolescência. Essa definição de EJA nos esclarece o potencial de educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino possui. Essa modalidade surgiu como possibilidade de elevar o índice de ensino da população, principalmente daqueles que não tiveram acesso aos estudos. Essa política educacional é também uma política social, uma vez que propicia condições para que os educandos melhorem suas condições de trabalho, sua qualidade de vida, e com isso sejam respeitados na sociedade.

No que compete a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), todos possuem direito a educação, e para possibilitar a esses educandos a oportunidade de voltarem a estudar, esta oferece cursos amparados na base curricular, proporcionando aos mesmos seu retorno aos bancos escolares. Em consonância com a LDB (LDB 9.394/96), que trata da educação como um acesso de todos, aborda que:

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

Esta modalidade de educação básica, a EJA regulamenta sua oferta de ensino a todos aqueles que não tiveram acesso ou finalizaram seus estudos na sua infância e adolescência, e que motivados pelo desejo de regressarem à escola decidem ingressarem neste estudo.

De acordo com Paiva; Machado e Ireland (2007):

Fica, pois, evidente que o equacionamento do problema do analfabetismo e dos baixos índices de escolarização da população jovem e adulta no Brasil passa necessariamente pela ampliação das oportunidades educacionais e busca da qualidade do ensino regular destinado à infância e juventude. (p.19)

No cenário atual, entende-se que a oferta pública de EJA é concretizada majoritariamente pelas redes públicas, posto que seus programas abarquem desde a alfabetização ao ensino profissionalizante. Os municípios vêm assumindo um papel importante nas implantações desses programas, na medida em que realizam experiências pedagógicas inovadoras, pois nota-se uma preocupação considerável do governo para com esse público.

A educação e inclusão de jovens e adultos tornam-se mais que um direito, e sim um exercício de cidadania, como condição plena para uma vida em sociedade, além do que, possibilita o desenvolvimento da democracia, da igualdade, da justiça, modelando a identidade do cidadão, dando sentido para a sua vida. Nesta perspectiva, a educação básica proporciona a oportunidade desses jovens e adultos desenvolverem seu potencial, de modo coletivo ou individual. Para tanto, essa modalidade de ensino a EJA, exerce a expressão das assimetrias de poder existentes entre as classes e grupos sociais.

Neste aspecto, pensa-se na educação como um propósito de mudança, como um meio de fazer com que esses educandos que voltaram e/ou ingressaram na escola sintam-se imbuídos pelo desejo de aprender, visto que sintam no educador, um apoio para desenvolver o gosto na aquisição de novos conhecimentos. Isso tudo mediado pelos fatores afetivos, na medida em que os mesmos não sejam apenas meros educadores, mas sim facilitadores deste aprendizado, desta nova descoberta.

Convém destacarmos que, os fatores afetivos estão presentes em todos os momentos da vida dos sujeitos, salvo que não se pode separá-los, uma vez que nem crianças, muito menos os adultos deixam em casa as histórias de suas vidas, pois estas fazem parte definitivamente delas, e cabe ao educador saber lidar com essas emoções e saberes que já estão presentes nos mesmos.

Neste panorama, Chalita (2004) enfatiza que:

Acreditam no afeto como um canal de realização, de troca, de cumplicidade, de entrega, de vibração. Estão presentes na festa e no velório. Conseguem conviver com o sucesso do outro, e isso não lhes tira o brilho. São assertivos quando necessários, e doces sempre. (p. 242)

É mediante o afeto, que se pode alcançar essa troca de cumplicidade entre educador/educando. E no que diz respeito a essas trocas afetivas no ensino de jovens e adultos não é diferente, pois todos sentimos essa necessidade de atenção, carinho, amor, respeito, tolerância àquilo que a priori denominamos como diferente, pois o que precisamos compreender é que não somos iguais, e que por esse motivo, temos que aprender a aceitar tais diferenças em sala de aula e em nossas vidas, e acima de tudo necessitamos de motivação, para que assim possamos nos sentir capazes.

Neste mesmo ponto de vista, Marileni Ortencio de Abreu Passos, comenta sobre o sentido da emoção nas nossas vidas, ao passo que ela esta diretamente relacionada com uma das manifestações do afeto. Em consoante com Passos (2010), “[...] As emoções encontram-se na esfera do afeto, que inclui o humor, autocontrole, fadiga e outros sentimentos. [...]”.

Para a autora, as emoções são entendidas como responsável pelos momentos mais importantes na vida das pessoas, uma vez que estas possuem a capacidade de criar motivações, de controlar impulsos, pois fazem com que tais atitudes determinem decisões significativas tanto para a vida em sociedade, como para a vida pessoal. (PASSOS, 2010).

Enfim, considera-se que o educador exerce um papel ímpar nessa empreitada no processo de ensino/aprendizagem de jovens e adultos. E no que compete a esse ensino, o educador tem que rever sua prática educativa, pois este deve adequá-la as necessidades desses sujeitos, visto que deve ser considerado o tempo que os mesmos estiveram fora da escola e suas dificuldades em aprender. Diante disso, o capítulo seguinte discorre acerca da análise do corpus empírico, apontando os detalhes precisos referentes à mesma.

4 UNIVERSO DA PESQUISA

Os sujeitos pesquisados foram os educadores e os educandos do 2º ano do Ensino Médio da modalidade EJA, turma composta por 26 educandos. Deste modo, foram entregues os questionários aos educadores e educandos da referida turma. Primeiramente, foi entregue à empresa responsável pelo programa um termo de consentimento e esclarecimento para que os dados fossem divulgados na pesquisa, e para o sigilo dos participantes assinalamos siglas aos mesmos. Educadores: (**Ed1, Ed2, Ed3, Ed4, Ed5**). Em contrapartida, para os educandos

utilizamos as seguintes siglas: **(Educando1, Educando2, Educando3, Educando4, Educando5, Educando6, Educando7, Educando8, Educando9 e Educando10)**.

Foram entrevistados cinco educadores, dentre eles um educador e quatro educadoras licenciados em Química, Biologia, Pedagogia e Letras, respectivamente dois possuíam pós-graduação, ambos estão na educação há mais de cinco anos, sendo que, todos estão no programa desde o início. Todos eles possuem vínculo empregatício em outras instituições de ensino. Neste contexto, também foram aplicados questionários aos educandos, e a fim de facilitar a compreensão dos mesmos, utilizamos nas perguntas aplicadas a eles o termo “professor”, pois optamos por essa expressão porque ela faz parte diretamente do contexto dos mesmos, sendo estes de diferentes idades e costumes diversos. Ambos possuíam, tanto a rotina de trabalho, como as dificuldades de aprendizado semelhantes uns aos outros.

Outro aspecto muito relevante, e que só foi possível perceber mediante a observação foi que, tanto o educador quanto a educadora observados, também manifestaram trocas afetivas com os educandos, bem como (gestos, palavras, ações), possibilitando um bom relacionamento entre eles.

No universo de 26 educandos, foram selecionados 10 para participarem da pesquisa, e a seleção se deu mediante a observação feita em sala de aula. À medida que estes eram mais comunicativos em sala de aula, deixando mais em evidência sua relação com os educadores, entretanto, não se descartou a possibilidade dos demais ficarem mais quietos em seus lugares, quiçá intimidados por nossa presença. Os educandos possuem idades diferentes, que variam entre 20 e 54 anos, e tiveram seus estudos interrompidos pelo mesmo motivo, seja ele; a conturbada jornada de trabalho. Todos os educandos eram do sexo masculino, entre eles 6 eram casados e com filhos, e os demais não eram casados nem possuíam filhos.

Os conteúdos da entrevista versaram sobre a concepção da afetividade na relação educador/educando, e sobre a representação de tal assunto tanto pelos educadores, como para os educandos dentro da sala de aula, posteriormente observando a prática. As entrevistas foram escritas. Nesta perspectiva, deixamos que os entrevistados falassem a partir de suas concepções, isso sem a restrição de uma questão objetiva, uma vez que sempre centrado no tema a ser investigado.

Outro ponto considerado nesta pesquisa foi a relevância que é atribuída para a essa modalidade de ensino, seja ela; a EJA, que nada mais é do que a elevação do índice de

escolaridade básica para esses jovens e adultos que tiveram seu processo educacional interrompido, e que, a fim de elevar o nível de escolaridade, retomam aos bancos escolares.

Foi observado na **prática educativa**, que os educadores possuem domínio da turma e do conteúdo exposto, isso faz com que os educandos sintam confiança em aprender com eles, bem como um clima harmonioso entre os educadores e educandos, ao passo que ficou muito evidente o respeito mútuo entre eles, como também aspectos de motivação em diversas situações. Os educadores apresentam muito interesse pelo desenvolvimento da aula, devido à colaboração e participação dos educandos, mostrando a interação entre os mesmos e os educadores, posto que estes, em vários momentos interagem entre si, tirando dúvidas compartilhando conhecimento e trocando experiências. Diante disso, Freire (2002) afirma:

[...] a superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se”, na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. (p. 15)

Nesta perspectiva, compreende-se que o papel do educador é facilitar a construção do conhecimento de seu educando, não obstante, para que isso possa acontecer é necessário que o educando perceba que ele faz parte inteiramente desse processo e que o educador é um facilitador desse conhecimento, e que acima de tudo reconheça que ele pode e é capaz de aprender, salvo que este seja agente de seu próprio desenvolvimento, de modo que ele possa potencializar seu interesse contínuo por essa construção, tendo em vista que esse passe a enxergar o educador não como um rival nessa construção, mas sim como um aliado nesse processo.

As aulas tiveram resultados positivos, visto que todos os educandos deram sua colaboração para a desenvoltura do assunto, sanando as eventuais dúvidas que iam surgindo no decorrer da aula. Nesta aula em especial foi perceptível às trocas afetivas entre educador e educando, pois a cada resposta dada o educador fazia uso de palavras de motivação, tais como:

-Parabéns você é muito inteligente.

- Muito bom.

- Parabéns pelo esforço.

- Você é muito esperto.

Diante essas palavras de motivação, dava para perceber no rosto dos educandos muita satisfação em participar da aula, pois em todos os momentos eles sempre questionavam, respondiam as atividades.

4.1 AS REPRESENTAÇÕES DOS EDUCADORES:

Outro ponto bem enfatizado foi quando questionamos, se na opinião dos educadores os fatores afetivos interferiam no processo de ensino aprendizagem, mediante esse questionamento entre três dos educadores obtivemos as seguintes respostas:

Ed1- Sim, pois o educando identifica o professor que tem prazer em ensinar.

Ed2- Bastante.

Ed5- Sim, acredito que precisa haver uma certa confiança partindo de ambos para adquirir conhecimento.

Dessa forma, os educadores demonstraram que entendem o lado positivo que os fatores afetivos possibilitam para o processo educativo, de modo que os mesmos através de suas respostas evidenciaram a importância destes no desenvolvimento cognitivo dos educandos, ao passo que abordam a confiança e a compreensão como pontos chave nesse processo.

Deste modo, Passos (2010) discorre que:

[...] As emoções bem resolvidas têm a capacidade de criar motivações, de persistir em um objetivo, de controlar impulsos, de manter um bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade determine as decisões significativas para a vida pessoal e comunitária. (p.42).

4.1.2 AS TROCAS AFETIVAS

Com relação às trocas afetivas, obtivemos de alguns dos entrevistados as seguintes respostas:

“Penso que quando há afetividade é porque o aluno se sente seguro em relação ao professor, dando a ele a liberdade de questionar e dar sua opinião quando tiver dúvidas.” (Ed4). Todavia, outro educador (Ed2) diz: *“Sim, entre eu e os alunos há trocas de afetividade, é essa auxilia no processo de ensino/aprendizagem”.*

Nesta mesma linha de raciocínio, Almeida (2010) aborda que, “Na teoria wolliana, a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo [...]”. (p.44).

Neste sentido, a autora enfatiza que a vida afetiva se organiza num contado direto com o outro, uma vez que as relações humanas contribuem positivamente para o crescimento da própria humanidade, e no processo educativo não podia ser diferente, pois para que haja aprendizado, primeiramente é preciso haver trocas afetivas, interação entre todos os sujeitos envolvidos. Dessa maneira, as trocas afetivas propiciam ao sujeito o início de seu desenvolvimento cognitivo, de modo que a mesma exerce sobre o mesmo a capacidade de incentivar ou inibir sua aprendizagem. De fato, as emoções, são responsáveis pelos momentos mais importantes da vida das pessoas.

Ainda sobre a afetividade, pergunta-se aos educadores como os mesmos podem utilizar a afetividade como motivação no processo de ensino/aprendizagem, logo, eles responderam:

Ed2- Trazendo a atenção dos alunos para que os mesmos possam assimilar os conteúdos propostos.

Ed5- ouvindo os alunos quando os mesmos sentem a necessidade de falar sobre seus anseios e fazendo disso um instrumento para a confiança entre ambos.

Ed4- levando o aluno a ter prazer em vir à escola.

Dessa forma, percebe-se que os educadores compreendem o sentido do que é afetividade, e a verdadeira importância dessas trocas afetivas no processo de ensino/aprendizagem, nesse âmbito é preciso ampliar esse conceito de afetividade quando relacionado com os aspectos educativos. Acompanhando o pensamento de Almeida (2010), “A afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano [...]”. (p.52).

4.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS EDUCANDOS SOBRE A AFETIVIDADE:

No que compete ao significado de afetividade, os educandos afirmaram não saberem o que é nem para que ela serve. Então, explicamos para os mesmos seu significado e sua importância para o desenvolvimento educativo. Depois de termos esclarecido o significado das trocas afetivas no ambiente escolar, perguntamos para os educandos se eles acreditavam que essas trocas de afeto entre educador e educando influenciam no processo de ensino e aprendizagem, estes por sua vez, fizeram os seguintes apontamentos quanto o mesmo:

Educando1- Com certeza porque facilita a troca de experiência.

Educando2- Sim, pois ele sempre me compreende.

Educando3- Sim, carinho, atenção, relacionamento bom.

Educando10- Sim, amor por parte dos professores.

Dessa forma, pode-se observar que os educandos percebem que as trocas afetivas contribuem positivamente para o seu desempenho em sala de aula, uma vez que no ato da entrevista, muitos deles relataram que às vezes eles se sentem cansados e pensam em não irem à escola, porém lembram-se da dedicação dos educadores, a força de vontade, o carinho, a compreensão quanto a rotina de trabalho dos mesmos, entre outros fatores significativos que os estimulam a quererem sempre frequentar assiduamente os bancos da escola.

4.2.1 A AFETIVIDADE COMO MOTIVAÇÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM:

Ainda sobre a influência da afetividade, mediante a motivação no ambiente escolar, tivemos as seguintes concepções por parte dos educandos abaixo:

Educando 4- Sim, respeito, carinho e motivação.

Educando5- Sim, respeito e dedicação.

Educando6- Sim, respeito, compreensão e motivação.

Educando7- Sim, respeito.

Educando8- Sim, respeito.

Educando9- Sim, muita motivação por parte dos professores.

Neste panorama, a afetividade exerce a função de motivar o gosto em aprender desses educandos que tiveram os seus estudos interrompidos, e de certa forma eles compreendem sua importância no que tange ao processo de ensino/aprendizagem, e, principalmente na relação educador/educando. Isso fica visível, no momento em que os educandos, por meio de suas respostas explicitam que tanto o respeito, a dedicação, a compreensão e, especialmente a motivação interferem no desenvolvimento da sua aprendizagem.

No que diz respeito à motivação, Passos (2010) ainda comenta:

A motivação da criança é obtida por meio de experiências resultantes dos relacionamentos sociais, principalmente quando ela se percebe aceita e reconhecida. [...] A desmotivação, por sua vez, pode gerar falta de confiança que culmina em sentimentos de rejeição, baixa autoestima, isolamento e, por consequência, dificuldades na aprendizagem. (p.43).

Diante disso, compreende-se que a afetividade se utilizada pelos educadores como um meio de gerenciar as emoções dos educandos, poderá auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos mesmos, uma vez que a motivação é uma das bases para que se possa obter um bom desenvolvimento educacional. Muitos deles também comentaram que, quando concluírem o ensino médio pretendem fazer uma faculdade ou um curso técnico, por meio desses relatos e mediante a observação, percebe-se que os educandos se sentem muito motivados em aprender, ao passo que eles almejam seu crescimento profissional e educacional, uma vez que compreendem que, tanto a motivação quanto o amor direcionam essas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao término dessa pesquisa, faz-se necessário retomarmos a questão norteadora desta pesquisa, uma que vez que nos propomos a investigar as representações da afetividade entre educadores e educandos no ensino de Jovens e Adultos (EJA), de sorte que

foi possível perceber que ambos reconhecem que a afetividade se utilizada como recurso de motivação, auxilia no processo de ensino/aprendizagem, e contribui para o relacionamento entre educador/educando, proporcionando um ambiente de respeito, dedicação, compreensão, entre outros fatores relevantes para o desenvolvimento cognitivo dos mesmos no processo de ensinar e aprender.

No decorrer da pesquisa, comprova-se que as trocas afetivas só podem acontecer se antes houver interação entre os educadores e os educandos, pois diante das diversas situações observadas, como as manifestações de afeto, palavras de motivação, gestos de carinho e respeito, pode-se perceber que essas ações só são possíveis mediante o contato com o outro, validando assim nossas hipóteses.

A coleta de dados revelou aspectos relevantes do âmbito escolar, que, só poderiam ser diagnosticados pela presença do pesquisador no meio pesquisado, pois, em vários momentos notou-se a preocupação dos educadores, em manter no relacionamento com os educandos, um ambiente permeado de afeto, utilizando em suas aulas a pedagogia do amor, ao passo que as aulas observadas eram aulas motivadora, aulas afetivas, visto que os educadores sempre estavam sorrindo, e despediam-se de seus educandos com apertos de mãos, dizendo que os esperavam no dia seguinte.

Neste sentido, pode-se compreender que a afetividade contribui de modo positivo para a melhoria da qualidade do ensino, em especial no ensino de Jovens e Adultos, e, por conseguinte, na construção de um relacionamento afetivo, proporcionando um aprendizado com mais eficácia para os seus educandos. Deste modo, essa relação afetiva entre educador e educando se associam e são perceptíveis no progresso da construção do conhecimento e da qualidade da aprendizagem.

Considerando que, os educadores entrevistados demonstraram reconhecer a capacidade de cada educando, pois cada um traz uma experiência de vida, de conhecimento, que vão se desvendando na construção do saber. A partir disso, foi possível compreender que todos nós possuímos dois lados de desenvolvimento, sejam eles, o cognitivo e o afetivo, de sorte que fica evidente que não se pode separar a razão da emoção, pois ambas agem em um processo contínuo.

Esta pesquisa abre várias vertentes e questionamentos para outros estudos, como por exemplo: os resultados teriam sido os mesmos se os educandos fossem mulheres? Nesse caso,

poderia inserir-se a abordagem das relações de gênero. A relação das categorias trabalho e gerações podem ser enfocadas nas pesquisas sobre o EJA, pois, há especificidades a serem observadas, como por exemplo: as perspectivas de futuro com os estudos.

A reflexão não se esgota aqui, considerando que, muitas vezes, nos deparamos com educadores, nos variados níveis, que utilizam métodos de ensinamentos defasados, resistindo às outras possibilidades de ensinar, como é o caso dos fatores afetivos em sala de aula. E nesse caso, chama-se a atenção para a formação, sobretudo, nas licenciaturas com o enfoque na prática educativa humanizada e pautada no afeto, no reconhecimento e respeito ao outro, pois se a educação não problematizar essa condição, em que momento será possível pensar na pedagogia do amor ou da afetividade enquanto prática?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. 8 ed. Campinas- SP: Papirus, 2010.
- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CAPELLATO, Ivan Roberto. *Educação com Afetividade*. Fundação Educar Dpaschoal, [entre 2000 e 2008].
- CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2004.
- CHALITA, Gabriel. *Pedagogia do Amor*. São Paulo: Gente, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *A educação moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- KRUPPA, Sonia M. Portella, *Sociologia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LEI n 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e bases da Educação*. Disponível em: <http://www.ceeja.ufscar.br>. Acesso em 08/10/2012.
- MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOQUEIRA, Claudio M. Martins. *Bourdieu & a Educação*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy. *Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996-2004*. Brasília: Ministério da educação, 2007.

PASSOS, Marileni Ortencio de Abreu. *Fundamentos das Dificuldades de Aprendizagem*. Curitiba: Fael, 2010.